

Jennifer Clement

**REZE PELAS
MULHERES ROUBADAS**

Tradução de Léa Viveiros de Castro

Revo

Um

Agora vamos deixar você feia, minha mãe disse. E assobiou. Sua boca estava tão próxima que ela cuspiu perdigotos em meu pescoço. Senti cheiro de cerveja. No espelho, eu a vi passar o pedaço de carvão em meu rosto. É uma vida sórdida, murmurou.

Esta é minha primeira lembrança. Ela segurou um velho espelho rachado em frente ao meu rosto. Eu devia ter uns cinco anos. A rachadura fazia parecer que meu rosto havia sido partido em dois pedaços. A melhor coisa que você pode fazer no México é ser uma menina feia.

Meu nome é Ladydi Garcia Martínez e tenho pele morena, olhos castanhos, cabelo castanho e crespo e pareço com todo mundo que conheço. Quando eu era pequena, minha mãe me vestia de menino e me chamava de Menino.

Contei a todo mundo que tive um menino, ela disse.

Se fosse uma menina, eu seria roubada. Se os traficantes de drogas ficassem sabendo que havia uma menina bonita por perto, eles invadiriam nossas terras em Escalades e a levariam.

Na televisão, eu via meninas se enfeitando, penteando os cabelos e fazendo tranças com laços cor-de-rosa ou usando maquiagem, mas isso nunca aconteceu em minha casa.

Talvez eu tenha que quebrar os seus dentes, minha mãe dizia.

Quando cresci, passei a esfregar um lápis marcador preto ou amarelo nos dentes para que parecessem podres.

Não há nada mais nojento do que uma boca suja, mamãe dizia.

Foi a mãe de Paula quem teve a ideia de cavar os buracos. Ela morava em frente a nós e tinha uma casinha própria e uma plantação de papaias.

Minha mãe dizia que o estado de Guerrero estava se transformando numa coelheira, com meninas se escondendo por toda parte.

Assim que alguém ouvia o barulho de um SUV se aproximando, ou via ao longe um, dois ou três pontinhos pretos, todas as meninas corriam para os buracos.

Esse era o estado de Guerrero. Uma terra quente, cheia de seringueiras, cobras, iguanas e escorpiões, os escorpiões louros, transparentes, que eram difíceis de ver e que matavam. Guerrero tinha mais aranhas do que qualquer outro lugar no mundo, sem dúvida alguma, e formigas também. Formigas vermelhas que deixavam nossos braços inchados e parecendo uma perna.

Esse é o lugar onde temos orgulho em ser o povo mais zangado e mais cruel do mundo, mamãe dizia.

Quando nasci, minha mãe anunciou aos vizinhos e às pessoas no mercado que havia nascido um menino.

Graças a Deus nasceu um menino!, ela disse.

Sim, graças a Deus e à Virgem Maria, todo mundo respondeu, embora ninguém fosse idiota. Nas nossas montanhas, só nasciam meninos, e alguns deles se transformavam em meninas aos onze anos. Aí esses meninos precisavam se transformar em meninas feias, que às vezes tinham que se esconder em buracos no chão.

Éramos como coelhos que se escondiam quando havia um cachorro faminto no campo, um cachorro que não consegue fechar a boca e cuja língua já sente o gosto do pelo de suas presas. Um coelho bate com a perna traseira, e este sinal de perigo se propaga pelo solo e alerta outros coelhos na coelheira. Na nossa região, um aviso era impossível porque vivíamos espalhados e muito afastados uns dos outros. Estávamos sempre vigilantes, entretanto, e tentávamos aprender a ouvir coisas muito distantes. Minha mãe inclinava a cabeça, fechava os olhos e se concentrava em ouvir o som de um motor ou o barulho inquieto que os pássaros e os pequenos animais faziam quando um carro se aproximava.

Ninguém jamais voltara. Nenhuma menina que fora roubada nunca voltou ou sequer enviou uma carta, minha mãe dizia, nem mesmo uma carta. Nenhuma menina, exceto Paula. Ela voltou um ano depois de ter sido levada.

Ouvimos sua mãe contar, inúmeras vezes, como ela havia sido roubada. Então, um dia Paula voltou para casa. Usava sete brincos que subiam pela sua orelha esquerda numa fila reta de botões, azuis, amarelos e verdes, e tinha uma tatuagem que se enroscava no pulso com as palavras *Garota do Canibal*.

Paula simplesmente apareceu na estrada e subiu o caminho de terra até sua casa. Ela caminhava devagar, olhando para baixo, como se estivesse seguindo uma fileira de pedras direto até a casa.

Não, minha mãe disse. Ela não estava seguindo pedras, aquela menina simplesmente farejou o caminho de volta para junto da mãe.

Paula foi para o quarto e se deitou na cama onde ainda havia alguns bichos de pelúcia. Paula nunca disse uma palavra sobre o que acontecera com ela. O que sabemos é que sua

mãe a alimentava com leite; sentava-a no colo e dava a ela, precisamente, uma mamadeira de bebê com leite. Paula tinha quinze anos nessa época, porque eu tinha catorze. Sua mãe também comprava comida Gerber de bebê e lhe dava direto na boca com uma colherzinha branca de plástico de um café que comprava na loja OXXO no posto de gasolina do outro lado da estrada.

Você viu aquilo? Viu a tatuagem de Paula?, minha mãe disse.

Sim. Por quê?

Você sabe o que aquilo significa, não sabe? Ela tem dono. Jesus, filho de Maria e filho de Deus, e os anjos do céu nos protejam.

Não, eu não sabia o que aquilo significava. Minha mãe não quis dizer, mas descobri depois. Eu me perguntei como alguém era roubada de um pequeno casebre numa montanha por um traficante de drogas, com a cabeça raspada, uma metralhadora na mão e uma granada cinzenta no bolso de trás, e acabava sendo vendida como um pacote de carne moída?

Eu vigiava Paula. Queria falar com ela. Ela nunca saía de casa agora, mas nós sempre fomos grandes amigas, junto com Maria e Estefani. Eu queria fazê-la rir e se lembrar de como costumávamos ir à igreja aos domingos vestidas com roupas de menino, e que meu nome era Menino e o dela, Paulo. Queria fazê-la lembrar-se das vezes em que víamos revistas de novelas juntas porque gostávamos de admirar as roupas bonitas que as estrelas de televisão usavam. Eu também queria saber o que havia acontecido.

O que todo mundo sabia era que ela sempre fora a menina mais bonita naquela região de Guerrero. As pessoas diziam que Paula era até mais bonita do que as meninas de Acapulco,

o que era um grande elogio, já que tudo o que era glamouroso ou especial tinha que vir de Acapulco. Então a notícia se espalhou.

A mãe de Paula costumava vesti-la com vestidos recheados de trapos para fazê-la parecer gorda, mas todo mundo sabia que a menos de uma hora do porto de Acapulco havia uma menina morando numa pequena propriedade, com a mãe e três galinhas, e que era mais bonita do que Jennifer Lopez. Era apenas uma questão de tempo. Embora a mãe de Paula tenha tido a ideia de esconder as meninas em buracos no chão, o que todas nós fazíamos, ela não foi capaz de salvar a própria filha.

Um ano antes de Paula ser roubada, houve um aviso.

Isso aconteceu de manhã cedo. A mãe de Paula, Concha, alimentava suas três galinhas com tortillas velhas quando ouviu o som de um motor na estrada. Paula ainda estava na cama, dormindo tranquilamente. Ela estava de cara lavada, o cabelo preso numa longa trança preta que, durante a noite, tinha se enroscado em volta do seu pescoço.

Paula estava usando uma camiseta velha. Ela descia até abaixo dos seus joelhos, era de algodão branco e tinha as palavras *Wonder Bread* escritas na frente em letras azul-escuras. Também usava uma calcinha cor-de-rosa que minha mãe sempre dizia que era pior do que estar nua!

Paula dormia profundamente quando o narcotráfico invadiu a casa.

Concha disse que estava dando comida às galinhas, aquelas três inúteis que nunca tinham posto um ovo na vida, quando viu o BMW marrom subindo a estradinha de terra. Por um segundo, ela pensou que fosse um touro ou algum animal que tivesse fugido do zoológico de Acapulco, porque

não esperava ver um veículo marrom-claro vindo em sua direção.

Quando pensava em narcotraficantes chegando, ela sempre imaginava os SUVs pretos com vidros escuros, que eram ilegais, mas todo mundo usava para que os tiras não pudessem enxergar o lado de dentro. Aqueles Cadillacs Escalade pretos com quatro portas e vidros escuros cheios de narcotraficantes e metralhadoras eram como cavalos de Troia, pelo menos era o que minha mãe costumava dizer.

Como minha mãe sabia sobre Troia? Como uma mulher mexicana morando sozinha com uma filha na zona rural de Guerrero, a menos de uma hora de carro e quatro horas em lombo de mula de Acapulco, podia saber alguma coisa sobre Troia? Era simples. A única coisa que meu pai trouxe para ela quando voltou dos Estados Unidos foi uma pequena antena parabólica. Minha mãe era viciada em documentários históricos e nos programas da Oprah. Na minha casa, havia um altar para Oprah ao lado do que ela mantinha para a Virgem de Guadalupe. Minha mãe não a chamava de Oprah. Esse foi um nome que ela nunca entendeu. Minha mãe a chamava de Ópera. Então era Ópera isso, Ópera aquilo.

Além dos documentários e de Oprah, nós devemos ter assistido à *Noviça rebelde* pelo menos umas cem vezes. Minha mãe estava sempre prestando atenção para ver quando o filme seria programado num canal.

Toda vez que Concha nos contava o que tinha acontecido com Paula, a história era diferente. Então nós nunca soubemos a verdade.

O traficante de drogas que entrou na casa antes de Paula ser roubada apenas foi dar uma olhada nela. Ele foi ver se os boatos eram verdadeiros. Eles eram verdadeiros.

Foi diferente quando Paula foi roubada.

Na nossa montanha não havia homens. Era como viver onde não havia árvores.

É como ser uma pessoa com um braço só, minha mãe dizia. Não, não, não, ela corrigia a si mesma. Morar num lugar sem homens é como dormir sem sonhar.

Nossos homens atravessaram o rio para os Estados Unidos. Eles enfiaram os pés na água e caminharam com água até a cintura, mas estavam mortos quando chegaram ao outro lado. Naquele rio eles deixaram suas esposas e filhos e entraram no imenso cemitério dos Estados Unidos. Ela tinha razão. Eles mandavam dinheiro; voltavam uma ou duas vezes e só. Então na nossa terra nós éramos um amontoado de mulheres trabalhando e tentando nos erguer. Os únicos homens por ali moravam em SUVs, andavam de motocicleta e apareciam de repente com um AK-47 pendurado no ombro, um saco de cocaína no bolso de trás do jeans e um maço de Marlboro Reds no bolso da camisa. Eles usavam óculos Ray-Ban e nós tínhamos que prestar atenção para jamais olhar nos olhos deles, jamais enxergar as pequenas pupilas pretas que estavam ali e que eram o caminho para dentro de suas mentes.

No noticiário, uma vez ouvimos a respeito do sequestro de trinta e cinco fazendeiros que estavam colhendo milho nas plantações quando alguns homens em três caminhões grandes apareceram e roubaram todos eles. Os sequestradores apontaram armas para os fazendeiros e mandaram que eles subissem nos caminhões. Os fazendeiros ficaram apertados nos caminhões como se fossem gado. Os fazendeiros voltaram para suas casas depois de duas ou três semanas. Eles foram avisados de que se falassem sobre o que tinha acontecido se-

riam mortos. Todo mundo sabia que eles foram sequestrados para ajudar a colher maconha.

Se você não falasse sobre uma coisa, então ela nunca tinha acontecido. Alguém com certeza iria escrever uma canção a respeito. Tudo o que você não pode saber, nem falar a respeito, acaba virando uma canção.

Algum idiota vai escrever uma canção sobre aqueles fazendeiros sequestrados e acabará sendo morto, minha mãe disse.

Nos fins de semana, minha mãe e eu íamos para Acapulco, onde ela trabalhava como faxineira para uma família rica que morava na Cidade do México. A família ia para a casa de praia uns dois fins de semana por mês. Durante anos essa família viajou de carro, mas depois eles compraram um helicóptero. Demoraram vários meses para construir um heliporto na propriedade deles. Primeiro, tiveram que aterrar a piscina, e depois fazer outra piscina a alguns metros de distância. Também tiveram que mudar de lugar a quadra de tênis para que o heliporto ficasse o mais distante possível da casa.

Meu pai também tinha trabalhado em Acapulco. Ele foi garçom num hotel antes de partir para os Estados Unidos. Voltou ao México algumas vezes para nos visitar, mas depois nunca mais voltou. Minha mãe soube que era a última vez da última vez que ele veio.

Esta é a última vez, ela disse.

Como assim, mamãe?

Olhe bem para ele; guarde cada detalhe porque nunca mais você vai ver o seu papai. Garantido. Garantido.

Ela gostava de usar aquela palavra.

Quando perguntei como ela sabia que ele não ia voltar, ela disse: Espere só, Ladydi, espere e vai ver que estou certa.

Mas como você sabe?, insisti.

Vamos ver se você consegue descobrir, ela respondeu.

Era um teste. Minha mãe gostava de fazer testes, e descobrir por que meu pai não ia mais voltar era um.

Eu comecei a observá-lo. Analisei o modo como ele fazia as coisas na nossa pequena casa e no jardim. Eu o segui como se fosse um estranho que pudesse roubar algo de mim, se eu desviasse os olhos.

Uma noite eu soube que minha mãe tinha razão. Estava tão quente que até a lua estava esquentando nosso pedaço do planeta. Eu saí de casa e fui para junto do meu pai enquanto ele fumava um cigarro.

Meu Deus, este deve ser um dos lugares mais quentes da Terra, ele disse enquanto soltava fumaça pela boca e pelo nariz ao mesmo tempo.

Ele passou o braço por mim, e sua pele estava ainda mais quente do que a minha. Dava para queimar um ao outro.

E então ele falou:

Você e sua mãe são boas demais para mim. Eu não mereço vocês.

Eu passei no teste com um A.

Filho da puta, minha mãe repetiu durante anos. Ela nunca mais pronunciou o nome dele. Ele ficou sendo Filho da Puta para sempre depois disso.

Como tanta gente em nossa montanha, minha mãe acreditava em feitiços.

Que um vento apague a vela do coração dele. Que um cupim gigante cresça em seu umbigo, ou uma formiga em seu ouvido, ela dizia. Que seu pênis seja comido por um verme.

Então meu pai parou de mandar uma quantia mensal dos Estados Unidos. Acho que também éramos boas demais para o dinheiro dele.

É claro que a boataria que trafegava entre Estados Unidos e México era a maior do mundo. Se você não conhecesse a verdade, conheceria o boato, e o boato era sempre muito mais do que a verdade.

Eu prefiro o boato à verdade, minha mãe dizia.

O boato que chegou de um restaurante mexicano em Nova York a um matadouro em Nebraska, a um restaurante Wendy's em Ohio, a uma plantação de laranjas na Flórida, a um hotel em San Diego, depois atravessou o rio, em um ato de ressurreição, e chegou a um bar em Tijuana, a uma plantação de maconha perto de Morelia, a um barco de fundo de vidro em Acapulco, a uma cantina em Chilpancingo e subiu nossa estrada de terra até a sombra da nossa laranjeira foi que meu pai tinha outra família “por lá”.

“Aqui” era a nossa história, mas também era a história de todo mundo.

Aqui nós morávamos sozinhas no nosso casebre, cercadas de todos os objetos que minha mãe roubara durante anos. Tínhamos dúzias de canetas e lápis, saleiros e óculos, e também um grande saco de lixo de plástico cheio de pacotinhos de açúcar roubados de restaurantes. Minha mãe nunca saía de um banheiro sem levar um rolo de papel higiênico escondido na bolsa. Ela não chamava isso de roubar, mas meu pai sim. Quando ele ainda estava conosco e eles brigavam, ele dizia que morava com uma ladra. Minha mãe achava que tomava emprestado, mas eu sabia que ela nunca devolvia nada. As amigas dela sabiam que tinham que esconder tudo. Não importa aonde fôssemos, quando voltássemos para casa iriam surgir coisas dos seus bolsos, de entre seus seios e até do seu cabelo. Ela tinha um jeito especial para enfiar coisas nele. Eu a vira tirar colherinhas de café e carretéis de linha de dentro

da sua juba crespa. Uma vez ela tirou uma barra de chocolate Snickers que havia roubado da casa de Estefani. Puxou a barra debaixo do rabo de cavalo. Ela roubava até da própria filha. Eu desisti de achar que alguma coisa era minha.

Quando meu pai partiu, minha mãe, que nunca havia posto uma trava na boca, disse: Aquele Filho da Puta! Aqui nós perdemos nossos homens, pegamos AIDS com eles, com suas putas americanas, nossas filhas são roubadas, nossos filhos vão embora, mas eu amo este país mais do que a própria vida.

Então ela disse a palavra México bem devagar, e repetiu: México. Foi como se lambesse a palavra de um prato.

Desde que eu era criança, minha mãe me mandava rezar por alguma coisa. Nós sempre rezávamos. Eu rezei por nuvens e pijamas. Eu rezei por lâmpadas e abelhas.

Não reze por amor e saúde, mamãe dizia. Nem por dinheiro. Se Deus souber o que você realmente deseja, Ele não dará. Garantido.

Quando meu pai partiu, minha mãe disse: Fique de joelhos e reze por colheres.